

Sou da geração que tinha 20 anos de idade na década de 1960. Geração que vibrou com o êxito da Revolução Cubana, a vitória do heróico povo vietnamita sobre a maior potência bélica e econômica da história (os EUA); que curtiu os Beatles e, graças à pílula, conquistou a emancipação da mulher e a revolução sexual, e reduziu o preconceito ao homossexualismo.

Geração que, na América Latina, se mobilizou nas ruas e nas selvas contra as ditaduras militares. Geração que tinha como exemplos de vida pessoas altruístas como Che Guevara, Luther King, Mandela. Geração que presenciou a realização do Concílio Vaticano II, convocado pelo arejado papa João XXIII, e aprendeu a respirar uma fé libertadora junto aos pobres e fez surgir as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação.

Enfim, geração que se movia inspirada por paradigmas fundados em grandes narrativas, em ideais históricos, em utopias libertárias. Geração que almejava mudar o mundo e sonhava de olhos bem abertos com um novo projeto civilizatório, no qual fosse suprimida a miséria, a fome, a exclusão social, o imperialismo, a opressão, e predominassem a solidariedade, a partilha, o direito de todos terem assegurados seus direitos humanos e planetários.

O sonho acabou. O socialismo fracassou (ainda em Cuba resiste em meio a dificuldades, conquistas sociais e compromissos internacionalistas) e o mundo se tornou unipolar sob hegemonia do capitalismo neoliberal. Introduziu-se a globocolonização (a imposição ao planeta do modelo made in USA de vida), incrementou-se o belicismo (Iraque e Afeganistão) e as guerras de baixa intensidade, isolou-se a África sucateada por séculos de colonização.

Qual futuro?

Novas tecnologias de comunicação encurtam o tempo e o espaço e promovem a homogeneização cultural segundo padrões consumistas. Sonhos cedem lugar a ambições (de poder, fama, beleza e riqueza); a busca do hedonismo se sobrepõe à ética do trabalho; a especulação predomina sobre a produção; a relativização dos valores fragiliza as instituições pilares da modernidade, como a família, a Igreja, a escola e o Estado.

A realidade se fragmenta como no giro alucinado do caleidoscópio. A pós-modernidade emerge e traz à tona o interesse individual como parâmetro prioritário. Reinam o cuidado excessivo do corpo (fitness); a performance do artista parece ter mais importância que sua obra de arte; as religiões abraçam os critérios do mercado e prometem milagres *prêt-à-porter*; o fundamentalismo ressuscita o Senhor dos Exércitos.

A morte das ideologias libertárias e a predominância da ótica neoliberal como sinônimo de democracia e liberdade aceleram o processo de desumanização. Re-flui-se do coletivo ao privado, do social ao individual, do histórico ao momentâneo. O que era povo transforma-se num aglomerado de pessoas; as classes se esgarçam em interesses pessoais movidos pelo mimetismo espelhado no comportamento da elite; a nação se deixa recolonizar pela mercantilização da aldeia global.

Frente a essa realidade fragmentada paira a pergunta: Qual futuro? A barbárie de um capitalismo predatório, excludente, de repressão implacável ao fluxo migratório dos pobres, de aquecimento global e degradação ambiental, de império do narcotráfico e do entretenimento imagético (TV e internet) desprovido de conteúdo?

Um mundo baseado na competição, na progressiva apropriação privada da riqueza, na transformação dos direitos sociais, como alimentação, saúde e educação, em meras mercadorias às quais têm acesso somente aqueles que podem pagar?

O Fórum Social Mundial propõe: “Um outro mundo possível”. É possível? Qual seria o desenho e os paradigmas desse outro mundo possível?

Se queremos escapar da barbárie não resta outra esperança fora da defesa intransigente do meio ambiente; do repúdio a todas as formas de preconceitos e discriminações, fundamentalismos e segregações; do diálogo interreligioso e da espiritualidade capaz de potencializar nossa capacidade de amar e se solidarizar. Não haverá futuro saudável se desde agora, no presente, não houver fortalecimento dos vínculos gregários de movimentos sociais, associações, sindicatos e partidos, em função de projetos comunitários e direitos coletivos.

Tal desafio supõe o resgate do caráter histórico

do tempo, das grandes narrativas, do valor das causas humanitárias, de uma visão de mundo e da vida que rompa os limites do aqui e agora para projetar-se no futuro que perpassa e, ao mesmo tempo, ultrapassa todos os modelos de futuro – aquilo que Jesus chamou de Reino de Deus, que não reside lá em cima, situa-se lá na frente, a culminância de todos os nossos sonhos e utopias.

Em *suma*, trata-se de buscar uma qualidade de vida mais próxima possível da proposta do *sumak kawsay* (viver em plenitude) dos povos originários andinos que do consumismo exacerbado dos shoppings. «Viver em plenitude» ou *bem viver* não coincide com a proposta consumista de uma existência respaldada pelo dinheiro, a posse de bens de conforto, as condições de segurança predominante sobre as de liberdade.

Sumak kawsay é considerar suficiente o bastante, manter com a natureza uma relação de alteridade, desfrutar de qualidade de vida livre de estresse, de poluição, de competição desenfreada. Um *bem viver* enriquecido de espiritualidade, de vínculos inquebrantáveis de amizade, de celebração frequente dos dons da vida e dos frutos do trabalho, da fé que se faz festa.

Causas convergentes

Se *sumak kawsay* merece figurar como nossa Grande Causa hoje, há que se comprometer com as várias causas capazes de convergir nessa direção. Há muitas causas setoriais ou corporativas, como a indígena, a da mulher, a dos homossexuais, a dos negros, a dos sem-terra e sem-teto, a dos migrantes e, entre outras, a ecológica. O desafio é como ampliar tais lutas dentro de uma visão sistêmica, pois pretender obter todas as conquistas de cada uma dessas causas dentro do capitalismo neoliberal é acreditar que se possa obter pano novo remedando vários tecidos velhos...

É preciso, cada vez mais, articular as lutas dos vários movimentos populares e sociais, de modo que o movimento de mulheres não seja mero espectador do que ocorre ao movimento dos sem-terra e nem este se restrinja a assistir pela TV a mobilização do movimento indígena. Sem que a luta de um se torne a de todos, dificilmente se alcançará o sonho de uma sociedade que favoreça a vida em plenitude.

A vida só vale a pena ser vivida movida por sentimentos e práticas de amor, de justiça, de respeito à identidade e aos direitos do outro. Só assim seremos capazes de saciar a nossa fome de pão e aplacar a nossa sede de beleza.

LIBERTAÇÃO E SUMAK KAWSAY

UM OLHAR DESDE A EQUIDADE DE GÊNERO

ELSA TAMEZ

San José, Costa Rica

A libertação é um processo contínuo de uma situação de opressão, que busca o *Bem Viver*. Eu gosto do termo *Sumak Kawsay* porque dá conteúdo ao objetivo de viver processos de libertação. Temos vivido muitas lutas... a maioria perdidas, é verdade, como nos recorda o coronel Buendía em *100 anos de Solidão*, que fez 30 revoluções, todas perdidas. E, no entanto, aqui estamos; ainda acreditamos, esperamos; dançamos nas festas, por vezes, com as fotos dos mártires e desaparecidos, penduradas nas paredes, eles nos veem e sorriem: nos acompanham. Isso ocorre porque os processos de libertação se vivem simultaneamente com o *Bem Viver*. As lutas produzem alegria, um sorriso de satisfação, quando são conquistas pelas terras dos povos indígenas, o alto custo de vida ou contra a violência contra as mulheres. Colocar-se no caminho da libertação já é um *Bem Viver* um caminho de graça.

A libertação é um processo contínuo e *comunitário*. Começa e se inspira no *Sumak Kawsay*. Quando digo *comunitário* é que nele estamos juntos mulheres e homens, de diferentes culturas, motivados pelo *Sumak Kawsay*, para todos e todas. Falar de libertação isoladamente, sem *Sumak Kawsay*, pode ocultar as discriminações raciais e patriarcais; mas falar de *Sumak Kawsay* no processo comunitário de libertação expõe à luz as verdadeiras relações inter-humanas entre homens e mulheres e com a natureza. Porque o *Bem Viver*, o *Sumak Kawsay*, não pode ser alcançado na luta apenas pela justiça em si, uma vez que tende a atrasar ou relegar, as dimensões do *Bem Viver* cotidiano: um beijo, uma espiga de milho assada no capricho ou a partilha com o outro ou a outra de uma mordida num “taco” quentinho e saboroso. *Sumak Kawsay* se enquadra dentro da ética do cuidado, dimensão essencial nas lutas pela justiça.

Para as mulheres é muito importante falar de *Sumak Kawsay*, tanto ao falar sobre a libertação dos povos como da libertação das mulheres. Sem ele não há libertação, embora tenhamos conseguido uma conquista salarial ou tenhamos alcançado um maior reconhecimento para as mulheres. O *Viver Bem* é viver um verdadeiro processo de libertação. Por outro lado, o *Sumak Kawsay* sem uma visão de libertação no horizonte não tem sentido é uma ilusão ou um viver cínico.